



**XII**  
ENANPPAS

ENCONTRO NACIONAL  
DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL  
DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA  
EM AMBIENTE E SOCIEDADE

**COP30: ENFRENTAMENTOS ÀS  
DESIGUALDADES SOCIAIS  
E EMERGÊNCIA CLIMÁTICA**

## ECOLOGIA DAS PRÁTICAS E SABERES NA EXTRAÇÃO DO COCO BABAÇU

Gabriella Sousa da Silva Barbosa<sup>1</sup>; Joaquim Shiraishi Neto <sup>2</sup>

<sup>1</sup> Universidade Estadual do Maranhão – UEMA, Universidade Federal do Maranhão - UFMA, gssbarbosa@gmail.com;

<sup>2</sup> Universidade Estadual do Maranhão – UEMA, Universidade Federal do Maranhão - UFMA, shiraishineto@gmail.com

### GT 06 – Conflitos socioambientais: experiências práticas e narrativas de resistências

#### RESUMO

A atividade de quebra e extração do coco babaçu representa uma atividade tradicional que resiste nos estados do Maranhão, Pará, Piauá e Tocantins. Organizadas politicamente por meio do Movimento Interestadual das Quebradeiras de Coco Babaçu – MIQCB, as quebradeiras do coco babaçu desenvolvem suas atividades seguindo os conhecimentos e percepções da relação com a natureza aprendidas de modo tradicional. Nesse sentido, a presente pesquisa intenta responder ao seguinte questionamento: como a ecologia das práticas e dos saberes está presente na atividade tradicional de quebra e extração do coco babaçu?. Para tanto, utilizou-se pesquisa bibliográfica e observação livre junto à comunidade quilombola Enseada da Mata em Penalva-MA. Concluiu-se que, sendo pautada por uma lógica anti-hegemônica de uso sustentável dos recursos naturais e de transmissão dos conhecimentos seculares quanto às técnicas e representação da natureza, a atividade de quebra e extração do coco babaçu representa o uso de uma ecologia das práticas e saberes, podendo-se conceber as quebradeiras de coco babaçu como sujeitos ecológicos.

**Palavras-chave:** Ecologia das práticas. Ecologia dos saberes. Extração coco babaçu.

#### Destaques (highlights)

- A extração e quebra do coco babaçu é uma atividade tradicional;
- A ecologia das práticas está relacionada a uma atuação sustentável da natureza;
- A ecologia dos saberes se refere a um conhecimento tradicional de atuação respeitosa com o meio ambiente.



**XII**  
ENANPPAS

ENCONTRO NACIONAL  
DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL  
DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA  
EM AMBIENTE E SOCIEDADE

**COP30: ENFRENTAMENTOS ÀS  
DESIGUALDADES SOCIAIS  
E EMERGÊNCIA CLIMÁTICA**

## INTRODUÇÃO

Vandana Shiva (2002), aborda o que chamará de “monocultura das mentes”, uma crítica à tentativa imperialista de homogeneizar o conhecimento, descartando-se os saberes locais e impondo-se aos mais variados grupos a mesma forma de pensamento cartesiano produzida nas universidades do norte global.

O desaparecimento do saber local por meio de sua interação com o saber ocidental dominante acontece em muitos planos, por meio de muitos processos. Primeiro fazem o saber local desaparecer simplesmente não o vendo e negando a sua existência. Isso é muito fácil para o olhar distante do sistema dominante de globalização. (Shiva, 2002, p. 21)

De modo semelhante, Boaventura de Souza Santos (2006), afirma que o momento atual de produção do conhecimento nas universidades está pautado em uma “monocultura do saber”, descartando-se os conhecimentos que não se interseccionam com os rigorosos critérios de um racionalismo cartesiano.

Ao partir de tal compreensão crítica acerca do predomínio no racionalismo cientificista na produção e propagação do conhecimento, o autor traz à baila o conceito de ecologia dos saberes enquanto “(...) um conjunto de epistemologias que partem da possibilidade da diversidade e da globalização contra-hegemônicas (...)” (Santos, 2006, p. 154), a qual se assenta em dois pressupostos: 1) a compreensão da inexistência e epistemologias neutras; e 2) a reflexão epistemológica deve pautar-se na prática do conhecimento e nos impactos desta nas outras práticas sociais.

Ou seja, abordar uma epistemologia dos saberes é compreender que não há neutralidade na produção e transmissão do conhecimento, mas sim que a construção e propagação dos saberes é uma prática social impactada e que impacta outras práticas sociais.

Longe de existir apenas uma epistemologia, tal qual observado diante de um eurocentrismo cartesiano, há epistemologias diversas fruto de outros agrupamentos sociais, inclusive fora dos muros da universidade.

Seguindo-se essa compreensão contra-hegemônica da realidade é que pode falar também de uma ecologia das práticas. Fruto das teorizações de Debaise e Stengers (2021), a conceituação da ecologia das práticas advém da compreensão de que as práticas possuem suas



**XII**  
ENANPPAS

ENCONTRO NACIONAL  
DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL  
DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA  
EM AMBIENTE E SOCIEDADE

**COP30: ENFRENTAMENTOS ÀS  
DESIGUALDADES SOCIAIS  
E EMERGÊNCIA CLIMÁTICA**

divergências, trata-se de “(...) uma ferramenta para pensar por meio do que está acontecendo” (Stengers, 2003, [S.I.]).

Nesse sentido, passa-se a analisar a atuação das quebradeiras de coco babaçu, tanto na prática cotidiana da extração e quebra do coco, como a transmissão de conhecimentos referentes às técnicas de extração e quebra, ao uso do babaçu e a relação dessas comunidades com a natureza, assim como sua atuação no espaço público a fim de garantir-lhes o acesso livre ao babaçu.

É diante desses dois conceitos-chave que a presente pesquisa intenta responder ao seguinte questionamento: como a ecologia das práticas e dos saberes está presente na atividade tradicional de quebra e extração do coco babaçu?

O trabalho tem por objetivo geral compreender o desenvolvimento da ecologia das práticas e saberes na atividade de extração e quebra do coco babaçu.

## **METODOLOGIA**

A pesquisa de campo deu-se através de observação livre junto à comunidade quilombola Enseada da Mata em Penalva, município que compõe a Baixada Ocidental maranhense, onde a atividade tradicional da extração e quebra do coco babaçu é realizada.

Nesse sentido, a pesquisa classificou-se como explicativa (Gil, 1989, p. 41), uma vez que intenta desenvolver o raciocínio de compreensão da interação entre a atividade extrativa e de quebra do coco babaçu com as ecologias da prática e dos saberes.

Quanto aos procedimentos metodológicos, utilizou-se majoritariamente a pesquisa bibliográfica, bem como a observação livre acima descrita.

## **RESULTADO E DISCUSSÃO**

Hodiernamente têm-se conceituado epistemologia como a ciência da ciência, ou seja, é a teoria do conhecimento, podendo ser compreendida como:

Etimologicamente, "Epistemologia" significa discurso (logos) sobre a ciência (episteme). (Episteme + logos). Epistemologia: é a ciência da ciência. Filosofia da ciência. É o estudo crítico dos princípios, das hipóteses e dos resultados das diversas ciências. É a teoria do conhecimento. A tarefa principal da epistemologia consiste na



**XII**  
ENANPPAS

ENCONTRO NACIONAL  
DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL  
DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA  
EM AMBIENTE E SOCIEDADE

**COP30: ENFRENTAMENTOS ÀS  
DESIGUALDADES SOCIAIS  
E EMERGÊNCIA CLIMÁTICA**

reconstrução racional do conhecimento científico, conhecer, analisar, todo o processo gnosiológico da ciência do ponto de vista lógico, lingüístico, sociológico, interdisciplinar, político, filosófico e histórico. (Tesser, 1995, p. 92)

Nesse sentido, observa-se um predomínio em um racionalismo de matriz cartesiana quando se pensa acerca da produção e transmissão do conhecimento, em virtude de todo um processo de colonialidade do saber (Mignolo, 2008), em que o modo de pensar hegemônico no norte global passa a ser concebido como a única forma válida de conhecer.

Tal qual leciona Aníbal Quijano (2005, p. 118), a racialização dos indivíduos quando da invenção da América foi fundamental para que se instaurasse o sistema-mundo moderno/colonial e o capitalismo se delineasse da forma como fora feita.

O atual padrão de poder mundial consiste na articulação entre: 1) a colonialidade do poder, isto é, a ideia de “raça” como fundamento do padrão universal de classificação social básica e de dominação social; 2) o capitalismo, como padrão universal de exploração social; 3) o Estado como forma central universal de controle da autoridade coletiva e o moderno Estado-nação como sua variante hegemônica; 4) o eurocentrismo como forma hegemônica de controle da subjetividade/intersubjetividade, em particular no modo de produzir conhecimento. (QUIJANO, 2002, p. 4)

Afinal, racializando e classificando-se seres humanos do sul global como menos humanos, permitia-se a sua exploração, o que foi fundamental para que o capitalismo se consolidasse. E parte desse processo de exploração está relacionado à colonialidade do saber, com a consequente instalação da hegemonia epistêmica europeia.

Quijano (como sociólogo ligado à economia, a partir da teoria da dependência) enfatizou as seguintes esferas: o controle da economia (apropriação de terras e recursos naturais; exploração do trabalho) e o controle da autoridade (formas de governo, controle militar). Definiu o eurocentrismo não em termos geográficos, mas em termos epistêmicos e históricos: de controle do conhecimento e da subjetividade. Isto é, colonialidade do saber e do ser. Caracterizou o pensamento descolonial como o desprendimento do eurocentrismo como esfera do conhecimento, a partir do qual é possível controlar a economia, a autoridade, o gênero e a sexualidade, em suma, a subjetividade. (Mignolo, 2008, p. 242)

A colonialidade do saber, portanto, implica em demarcar a visão eurocêntrica do conhecimento – e consequentemente das práticas sociais a ela relacionadas – como única



**XII**  
ENANPPAS

ENCONTRO NACIONAL  
DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL  
DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA  
EM AMBIENTE E SOCIEDADE

**COP30: ENFRENTAMENTOS ÀS  
DESIGUALDADES SOCIAIS  
E EMERGÊNCIA CLIMÁTICA**

episteme existente e válida, a qual deve ser propagada, apagando-se todas aquelas que com ela divergirem.

Diferentemente dessa concepção, Boaventura de Souza Santos (2006) propõe que se passe a pensar o conhecimento de modo contra-hegemônico, a partir das experiências do “outro”, como chama, um pensamento pós-abissal, que leva em conta o sofrimento, as vivências e experiências do sul global.

No nosso tempo, pensar em termos não-derivativos significa pensar a partir da perspectiva do outro lado da linha, precisamente porque ele é o domínio do impensável no Ocidente moderno. A emergência do ordenamento da apropriação/violência só poderá ser enfrentada se situarmos nossa perspectiva epistemológica na experiência social do outro lado da linha, isto é, do Sul global, concebido como a metáfora do sofrimento humano sistêmico e injusto provocado pelo capitalismo global e pelo colonialismo. O pensamento pós-abissal pode ser sintetizado como um aprender com o Sul usando uma epistemologia do Sul. Ele confronta a monocultura da ciência moderna com uma *ecologia de saberes*, na medida em que se funda no reconhecimento da pluralidade de conhecimentos heterogêneos (sendo um deles a ciência moderna) e em interações sustentáveis e dinâmicas entre eles sem comprometer sua autonomia. A ecologia de saberes se baseia na idéia de que o conhecimento é interconhecimento. (Santos, 2007, p. 85)

Falar em um conhecimento enquanto interconhecimento é compreender que a atividade de conhecer é uma prática social, interligada a outros conhecimentos e a outras práticas sociais.

É nesse diapasão que se passa a conceber a atividade da quebra e extração do coco babaçu enquanto atividade tradicional que demonstra a utilização de uma ecologia dos saberes contra-hegemônica.

Fruto de uma atividade tradicional que remonta à época em que seus ascendentes alocavam-se em quilombos, a extração e quebra do coco babaçu é uma atividade que demonstra a transmissão intergeracional não apenas de técnicas e tecnologias para a extração e quebra do coco, como também conhecimentos sobre vegetação, ciclos de brotamento dos cocos, assim como uma relação simbiótica com a natureza.

Estima-se que somente na Baixada Ocidental maranhense, *locus* da observação desta pesquisa, haja aproximadamente 1.873.500 hectares de área de babaçuais. A atividade também está presente nos estados do Tocantins, Piauí e Pará.

Ressalte-se que dentre os territórios abrangidos nos quatro estados pela atividade tradicional da extração e quebra do coco babaçu, a Baixada Ocidental Maranhense é aquela com maior número de quilombo e terras de santo, onde predominam os conhecimentos



**XII**  
ENANPPAS

ENCONTRO NACIONAL  
DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL  
DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA  
EM AMBIENTE E SOCIEDADE

**COP30: ENFRENTAMENTOS ÀS  
DESIGUALDADES SOCIAIS  
E EMERGÊNCIA CLIMÁTICA**

tradicionais e uma relação simbiótica com a natureza, sem a distinção cartesiana humano-natureza.

Conforme apontado por Dona Nice (representante do quilombo Enseada da Mata em Penalva-MA): “tradicional é aquilo que não se aprendeu na escola, é aquilo que se aprendeu observando.”

Tal compreensão é um exemplo de como essa atividade comunga com um pensamento pós-abissal, em que a forma de conhecer e transmitir conhecimento é apreendida na prática, em contato com a natureza e reiterando técnicas e vivências de seus antepassados.

É nesse sentido que falar em ecologia dos saberes na quebra e extração do coco babaçu é também pensar uma ecologia das práticas. Segundo Debaise e Stengers (2021), a ecologia das práticas pode ser compreendida como uma ferramenta para se pensar a realidade através dos meios, pensar com o entorno.

[...] os humanos podem se tornar capazes de povoar ou repovoar as zonas de experiência que a modernidade devastou, e criar relações atentas com os outros habitantes desta terra, de maneiras muito diferentes, que não as unificarão no seio de uma planetaridade abstrata, pensada em termos de escalabilidade. (Debaise; Stengers, 2021, p. 137).

Nesse mesmo sentido, Stengers (2018, p. 446), quando discute suas discordâncias quanto ao uso abstrato de uma percepção cosmopolítica da realidade, reitera:

Quando se trata do mundo, das questões, ameaças e problemas cujas repercussões se apresentam como planetárias, são os “nossos” saberes, os fatos produzidos pelos “nossos” equipamentos técnicos, mas igualmente os julgamentos associados a “nossas” práticas que estão na linha de frente. A boa vontade, o “respeito pelos outros” não são suficientes para apagar essa diferença, e negá-la em nome de uma “igualdade de direito” de todos os povos da terra não impedirá, posteriormente, de condenar a cegueira fanática ou o egoísmo daqueles que se negariam a admitir que não podem se esquivar das “questões planetárias”.

Observa-se, nesse sentido que a atuação das quebradeiras de coco babaçu aponta para essa relação simbiótica com a natureza, por meio do uso de técnicas e tecnologias de extração e quebra do coco babaçu que, de modo distinto do uso da natureza em uma realidade ultraneoliberal, preserva a natureza e a utiliza de modo respeitoso e não predatório.



**XII**  
ENANPPAS

ENCONTRO NACIONAL  
DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL  
DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA  
EM AMBIENTE E SOCIEDADE

**COP30: ENFRENTAMENTOS ÀS  
DESIGUALDADES SOCIAIS  
E EMERGÊNCIA CLIMÁTICA**

Partindo-se, porém, das lições de Kergoat, pode-se observar que longe de um determinismo biológico, a divisão ora presente relega ao feminino a atividade extrativista, uma vez que esta poderia ser concebida como menor extenuante que o trabalho na roça. E não só, sendo efetuada a quebra do coco nos quintais das casas, inclusive com essas quebradeiras cuidando das crianças mais novas, seria a quebra considerada dentro dessas comunidades uma extensão do espaço doméstico, por isso, sendo atribuídas, mesmo que mais discursivamente, a trabalhos femininos. De modo interessante, observa-se que subvertendo essa mesma lógica de se relegar às mulheres o espaço doméstico, a organização político-social e econômica das mulheres por meio do MIQCB dá a elas representatividade e voz no espaço público, ressignificando as noções de gênero inicialmente concebidas com a extração e quebra do coco. (Barbosa, Shiraishi Neto, 2023, p. 10)

Seguindo-se as lições de Dimas Floriani e Nicolas Floriani (2021), pode-se pensar as quebradeiras de coco babaçu enquanto sujeitos ecológicos, não apenas por sua atuação na extração e quebra do coco babaçu que se mostram representativas de uma ecologia de saberes e práticas, mas também por suas práticas políticas na defesa das pautas relativas à preservação dos babaçuais e ao acesso livre ao babaçu.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Falar em ecologia dos saberes e ecologia das práticas é discutir a inserção e relacionamento do ser humano com a natureza, a realidade e os outros seres de modo anti-hegemônico.

Historicamente, o sul global foi doutrinado ao apagamento de suas práticas e suas epistemologias, impregnando-se no mundo uma visão epistemológica universalista e cartesiana, compreendida como a única forma de se entender o conhecimento e transmiti-lo.

Consequentemente, as práticas humanas também são impactadas por essa visão epistemológica hegemônica, distanciando o ser humano da natureza e retirando de si a autopercepção enquanto ser animal.

É nesse contexto que as práticas cada vez mais distantes do ser humano de sua natureza animal encaixam-se a uma percepção econômica neoliberal de exploração selvagem dos recursos naturais, sem preocupação com a sustentabilidade e com os danos causados por essa exploração.

Abordar, portanto, uma ecologia dos saberes é chamar atenção para essa colonialidade do saber que implicou no apagamento das diversas epistemes do sul global, impactando na própria colonialidade do ser, uma vez que o saber insere-se nas práticas sociais e faz parte delas.



**XII**  
ENANPPAS

ENCONTRO NACIONAL  
DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL  
DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA  
EM AMBIENTE E SOCIEDADE

**COP30: ENFRENTAMENTOS ÀS  
DESIGUALDADES SOCIAIS  
E EMERGÊNCIA CLIMÁTICA**

Nesse contexto, uma ecologia dos saberes remonta à compreensão de diversas epistemologias e modos de compreender o conhecimento. Ato contínuo, uma percepção de práticas sociais descoladas da lógica hegemônica ultraneoliberal representa o que se passou a chamar de ecologia das práticas, um modo de obter conhecimento a partir do meio, do entorno, ou seja, através das práticas locais de uso sustentável e simbiótico com a natureza.

É nesse sentido que se pode conceber que a atividade tradicional de quebra e extração do coco babaçu representa uma junção das ecologias dos saberes e das práticas, afinal, é por meio de uma episteme contra hegemônica que essas comunidades compreendem-se de modo relacional com a natureza.

Os recursos naturais, longe de serem explorados de modo predatório, são respeitados, utilizando-se técnicas seculares de extração do coco babaçu, as quais permitem a continuidade do fornecimento do insumo pela natureza para as presentes e futuras gerações.

Não apenas, a concepção simbiótica com a natureza demonstra-se na própria menção das quebradeiras em relação à palmeira do coco babaçu, não raro humanizada pelas quebradeiras.

É comum que as quebradeiras chamem a palmeira de “mãe”, uma vez que ela lhes dá tudo que precisam. Também referem-se à “puberdade” da palmeira, sendo “palmeira moça” aquela que ainda não dá frutos.

Essa atuação não se resume às práticas locais de extração e quebra do coco babaçu, remontando também à luta na esfera política dessas quebradeiras organizadas por meio do Movimento Interestadual das Quebradeiras de Coco Babaçu – MIQCB, pela divulgação de suas pautas, das violações a seus direitos, bem como da busca pela proteção jurídica ao acesso livre ao babaçu.

Nesse sentido, podem-se compreender as quebradeiras de coco babaçu como sujeitos ecológicos, transmitindo de geração em geração práticas e conhecimentos de respeito e uso sustentável das palmeiras do coco babaçu.



**XII**  
ENANPPAS

ENCONTRO NACIONAL  
DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL  
DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA  
EM AMBIENTE E SOCIEDADE

**COP30: ENFRENTAMENTOS ÀS  
DESIGUALDADES SOCIAIS  
E EMERGÊNCIA CLIMÁTICA**

## REFERÊNCIAS

BARBOSA, Gabriella Sousa da Silva; SHIRAIISHI NETO, Joaquim. NOÇÕES COTIDIANAS DE GÊNERO FRENTE À PRÁXIS DO BEM COMUM: UMA ANÁLISE NA BAIXADA OCIDENTAL MARANHENSE. VII ENADIR, 2023.

DEBAISE, Didier; STENGERS, Isabelle. Résister à l'amincissement du monde. **Multitudes**, v. 85, n. 4, 2021, p. 129-137.

FLORIANI, Dimas; FLORIANI, Nicolas. Ecologia das práticas e dos saberes para o desenvolvimento local: territórios de autonomia socioambiental em algumas comunidades tradicionais do centro-sul do Estado do Paraná, Brasil. **Polis**, n. 52, 2020, p. 2-23.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e Técnicas da Pesquisa Social**. São Paulo: Editora Atlas, 1989

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Metodologia científica**. 2 ed. São Paulo: Atlas, 1991.

MIGNOLO, Walter. NOVAS REFLEXÕES SOBRE A “IDÉIA DA AMÉRICA LATINA”: a direita, a esquerda e a opção descolonial. **Caderno CRH**, Salvador, 2021, n. 53, p. 239-252, 2008.

QUIJANO, Aníbal. Colonialidade do poder, Eurocentrismo e América Latina. In: LANDER, Edgardo (org). **A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais - Perspectivas latino-americanas**. Buenos Aires: CLACSO – Conselho Latinoamericano de Ciências Sociais, 2005.

\_\_\_\_\_. Colonialidade, poder, globalização e democracia. **Revista Novos Rumos**, ano 17, n. 37, 2002, p. 4-28.

SANTOS, Boaventura de Souza. **A gramática do tempo: para uma nova cultura política**. São Paulo: Cortez, 2006.

\_\_\_\_\_. Para além do pensamento abissal. **Novos estudos**, n. 79, p. 71-94, nov. 2007.



**XII**  
ENANPPAS

ENCONTRO NACIONAL  
DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL  
DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA  
EM AMBIENTE E SOCIEDADE

**COP30: ENFRENTAMENTOS ÀS  
DESIGUALDADES SOCIAIS  
E EMERGÊNCIA CLIMÁTICA**

SHIVA, Vandana. Monoculturas da mente – Perspectiva da biodiversidade e biotecnologia. São Paulo: Editora Gaia, 2002.

TESSER, Gelson João. Principais linhas epistemológicas contemporâneas. **Educar**, Curitiba, n. 10, p. 91-98, 1995.

Apoio:



Realização:



PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM  
**SUSTENTABILIDADE**



Financiamento:

